

SEM TÍTULO Nº5

(...ou, peço ao leitor que me perdoe e bole um melhor ...)

Quando sua mãe morreu, sentiu um peso cair dos seus ombros.

Em vida, ela o enfastiou com aquela conversa idiota de que o crime não compensa.

Tanto falatório, apenas porquê tivera de puxar alguns meses em cana (cadeia...).

Na sua opinião, todo sermão era sem motivo já que, outros detentos foram apenados por um tempo bem maior que o seu.

Mas o fato era o seguinte: depois de deixar a cadeia pela última vez, prometera a si mesmo nunca mais desapontar a boa velhinha.

Agora já não precisava se preocupar mais com promessas feitas para a mamãe...

-Sem o papel não pode enviar o material de uma cidade para outra.

-Mas esse material é...

-Sem o papel não pode. Já disse...

-Mas...

-O que eu posso fazer pelo senhor é lhe dar um recibo, e, quando estiver com o papel em mãos, fazer o envio para outra cidade.

-Pois bem! Então não se esqueça, senhora: guarde bem o material pois ele é...

-O senhor já disse... O senhor já disse...

Fêz o recibo, deu para o homem e se viu livre dele...

Faltavam apenas alguns minutos para o encerramento do expediente.

Levou o pesado cilindro deixado pelo homem para o depósito onde encontrou o segurança.

-Seu Pafôncio, não é para ninguém pôr a mão neste material.

-Vou colocá-lo no canto! Alí ninguém mexe e eu estou vendo o tempo todo.

Viu-se livre de mais este empecilho e foi curtir o final de semana sossegada.

O tempo passou e ela esqueceu do cilindro que aquele médico havia lhe entregue.

O Pafôncio ídem.

Mas, ele se esquecer era normal, já que, o sujeito era totalmente idiota.

Chamá-lo de burro seria uma ofensa aos pobres e injustiçados bichinhos.

Ele parecia uma morsa.

Fazia ainda o tipo de segurança que bate primeiro nas pessoas e depois pergunta se fez alguma coisa errada.

Numa sexta-feira qualquer da vida, o velho Pafôncio resolveu comer a vizinha que era meio biruta e durante esse tempo acabou abandonando o seu posto de serviço.

Foi então que um conhecido nosso de outros parágrafos resolveu dar as caras...

Aquele galpão sempre lhe chamara a atenção.

Provavelmente, se alí conseguisse entrar, talvez encontrasse algo de interessante.

E tanto que desejou que, por fim conseguiu.

Foi de mansinho como um gato e sorrateiramente achou um jeito de entrar.

Assim que pôs os pés no piso do interior do depósito, ouviu na sua cabeça a voz

da mãe dizendo:

- O crime não compensa filho...

Aquele aviso quase fez com que voltasse, mas, depois de tantas dificuldades, não podia sair de lá sem nada, afinal, a velha estava morta e ele, ao entrar alí, já conseguira realizar um feito incrível.

Para melhorar ainda não encontrou guarda, cão ou obstáculo para frustrar seus planos.

Entrou no depósito, e, no chão viu um cilindro com um estranho rótulo.

E era pesado.

Tinha muito metal alí.

Podia desmontá-lo e vendê-lo para o desmanche ou para a reciclagem.

Era aquele que iria levar!

E, com muito esforço, conseguiu levá-lo para sua casa sem ser importunado.

Lá, com mais calma, tentou compreender qual a finalidade daquele negócio.

Não entendeu nada.

Haviam alí muitos símbolos estranhos que nada explicavam.

Começou a desmanchar o artefato.

O que não ia na boa, acabava indo na bruta.

Algumas peças teve que quebrar nas marteladas.

Finalmente encontrou uma caixa maciça toda de vidro e chumbo.

Foi espicaçando e quebrando tudo até abrir a tal caixa que, em cujo interior, levava varias pastilhas retangulares de cor verde brilhante.

Esfarelou uma delas, cheirou-a e colocou algumas pitadas daquele pó esquisito na boca para saber o gosto.

Uma curiosa epidemia tomou conta da cidade.

Manchas avermelhadas tomavam conta da pele dos infectados.

Os cabelos destes caíam e, alguns, chegaram até a perder os dentes.

Os médicos debatiam entre si.

Fizeram diversos experimentos, interrogaram os doentes e, depois de muita investigação, descobriram a aterradora verdade.

AINAIOG CONTAMINADA COM PERIGOSO ELEMENTO RADIOATIVO

AINAIOG, a capital de SAIOG, foi parcialmente contaminada por cápsulas de um perigoso elemento radioativo que foram retiradas de um invólucro blindado e selado.

Tontolino Bestóide roubou o invólucro blindado do depósito médico municipal e, depois de violá-lo, vendeu os seus componentes como ferro velho.

Os resíduos que sobraram de uma das cápsulas radiativas que havia sido esmagada e, as demais que ficaram intactas, foram vendidas para um farmacêutico que as usou como corante na composição do seu famoso elixir da juventude.

O remédio ao invés de ajudar, está matando muita gente que foi contaminada com o perigoso elemento radioativo.

Os locais por onde passaram tais substâncias sem a devida proteção não poderão ser utilizados devido aos perigos da radioatividade, que permanecerão ameaçadores por bastante tempo.

Boa parte da população já teve que se mudar e, acredita-se até que a cidade tenha de ser completamente evacuada.

Um cidadão de uma nação mais desenvolvido, ao ler tal manchete, diria em seu café da manhã:

-Governo fraco. Povo ignorante.

A enfermeira entrou no quarto de Tontolino Bestóide.

Ela usava roupas para protegê-la da radioatividade.

Verificou os sinais do paciente.

Não eram nada animadores

Quer quisesse ou não, às portas da morte, ele devia concordar : sua mãe tinha razão.

Antes do fim, e muito provavelmente, mesmo no inferno depois de morrer, onde certamente seria atormentado pela boa velhinha, aquela ladainha se repetiria na sua cabeça...

-O crime não compensa! O crime não compensa!

MORAL DA HISTÓRIA: A CURIOSIDADE MATOU O GATO
